MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA
Secretaria de Comércio e Relações Internacionais
Departamento de Negociações e Análises Comerciais
Coordenação-Geral de Estatística e Análise Comercial

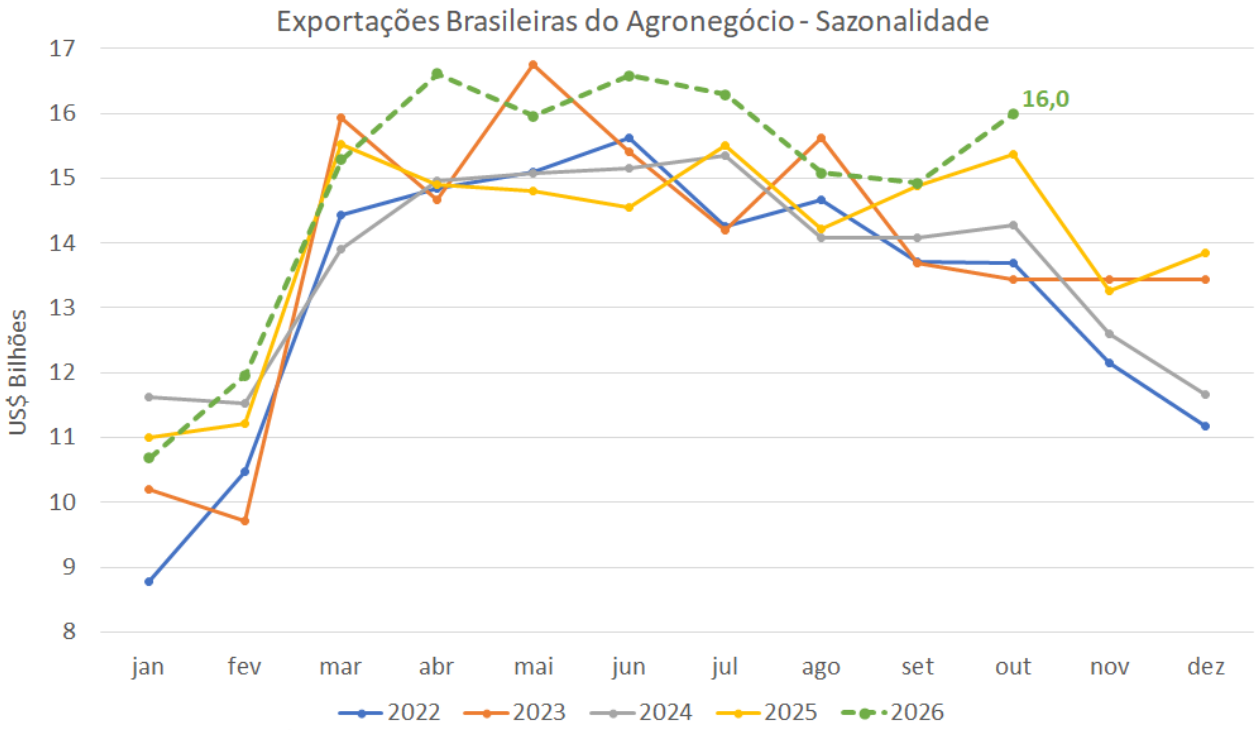
NOTA BALANÇA DO AGRONEGÓCIO

I – MÊS: OUTUBRO/2026

Em outubro de 2026, as exportações brasileiras do agronegócio somaram US$ 16,0 bilhões, valor 4,1% superior aos US$ 15,4 bilhões registrados no mesmo mês de 2025, o que corresponde a um acréscimo de US$ 626,2 milhões. Contribuíram de forma mais relevante para esse resultado os aumentos das exportações de sorgo (+US$ 337,7 milhões), farelo de soja (+US$ 282,7 milhões), soja em grãos (+US$ 257,8 milhões) e celulose (+US$ 210,3 milhões). Em sentido contrário, as maiores retrações ocorreram nas exportações de carne bovina *in natura* (-US$ 532,0 milhões) e açúcar de cana em bruto (-US$ 396,3 milhões).

O agronegócio respondeu por 42,3% das exportações totais brasileiras em outubro, participação inferior aos 48,8% observados no mesmo mês do ano anterior. Esse recuo se deve ao expressivo crescimento das vendas dos produtos não pertencentes ao agronegócio, que avançaram 35,2% e totalizaram US$ 21,8 bilhões.

As importações de produtos do agronegócio totalizaram US$ 1,9 bilhão em outubro de 2026, com aumento de 8,8% (+US$ 157,2 milhões) em relação ao mesmo mês de 2025, quando somaram US$ 1,8 bilhão. Vale destacar que esse valor não inclui insumos empregados na atividade agropecuária, a exemplo dos fertilizantes (US$ 1,5 bilhão; -6,9% em relação a outubro de 2025) e dos defensivos (US$ 483,4 milhões; -26,7%).



Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/ME.
Elaboração: MAPA/SCRI/DNAC/CGEA.
Dados extraídos em novembro/2026. Sujeitos a alteração.

Produtos

Os cinco principais setores do agronegócio em valor exportado em outubro de 2026 foram: complexo soja (US$ 4,4 bilhões; 27,5% de participação); carnes (US$ 2,7 bilhões; 17,0%); cereais, farinhas e preparações (US$ 1,7 bilhão; 10,9%); café (US$ 1,7 bilhão; 10,6%); e produtos florestais (US$ 1,5 bilhão; 9,5%). Em conjunto, esses setores representaram 75,5% das vendas externas do agronegócio brasileiro, ante 75,3% em outubro de 2025, quando o complexo sucroalcooleiro figurava entre os cinco principais segmentos, no lugar dos produtos florestais.

Considerando-se os produtos individualmente, os dez itens mais exportados alcançaram US$ 12,1 bilhões, o equivalente a 75,6% do valor exportado pelo agronegócio no mês. Esses produtos são analisados individualmente nos parágrafos seguintes.

- **Soja em grãos: US$ 3,1 bilhões (+9,0%) e 6,3 milhões de toneladas (-5,7%)**

Em outubro, a soja em grãos liderou a pauta exportadora do agronegócio, com receita de US$ 3,1 bilhões, o que representa 19,6% do valor exportado pelo agronegócio no mês e incremento de US$ 257,8 milhões em relação a outubro de 2025. O crescimento decorreu da valorização de 15,5% do preço médio, que passou de US$ 428 para US$ 494 por tonelada, a qual compensou a redução de 5,7% do volume embarcado.

Destino de 70,3% das vendas externas do grão, a China adquiriu 4,4 milhões de toneladas (-28,1%), no valor de US$ 2,2 bilhões, o que representa redução de US$ 443,8 milhões (-16,8%) na comparação com outubro de 2025. Em contrapartida, destacaram-se os aumentos das vendas para o Paquistão (+US$ 141,0 milhões), a União Europeia (+US$ 140,4 milhões; +367,8%), o Vietnã (+US$ 94,0 milhões), a

Turquia (+US$ 61,1 milhões) e a Coreia do Sul (+US$ 58,6 milhões), sendo que Paquistão, Vietnã, Turquia e Coreia do Sul não haviam registrado compras do produto brasileiro em outubro de 2025.

- **Café verde: US$ 1,6 bilhão (+5,2%) e 287,3 mil toneladas (+23,3%)**

Segundo principal item da pauta exportadora do agronegócio em outubro, o café verde somou US$ 1,6 bilhão, o equivalente a 10,0% do total exportado pelo setor. A expansão de 23,3% da quantidade embarcada assegurou o crescimento de 5,2% da receita, apesar da queda de 14,7% do preço médio, que passou de US$ 6.528 para US$ 5.568 por tonelada.

A União Europeia foi o principal destino do produto, com US$ 771,1 milhões (+3,6%) e participação de 48,2%. Os Estados Unidos, por sua vez, foram o mercado que mais contribuiu para o aumento das vendas, com aquisições de US$ 240,3 milhões e incremento de US$ 100,6 milhões (+72,0%). Também cresceram as exportações para a Turquia (US$ 68,8 milhões; +38,7%) e a Colômbia (US$ 35,1 milhões; +76,7%). Em sentido oposto, recuaram as vendas para a Rússia (-US$ 49,0 milhões; -65,7%) e o Japão (-US$ 39,5 milhões; -34,1%).

- **Milho: US$ 1,3 bilhão (-1,4%) e 5,7 milhões de toneladas (-12,5%)**

As exportações brasileiras de milho alcançaram US$ 1,3 bilhão em outubro de 2026, valor 1,4% inferior ao registrado no mesmo mês do ano anterior. O cereal ocupou a terceira posição da pauta exportadora do agronegócio, com participação de 8,2%. A redução de 12,5% da quantidade embarcada foi quase integralmente compensada pela elevação de 12,7% do preço médio, que passou de US$ 204 para US$ 230 por tonelada.

A União Europeia foi o principal destino do milho brasileiro no mês, com US$ 244,5 milhões e o maior incremento absoluto entre os mercados compradores (+US$ 202,9 milhões; +488,3%). Também se destacaram os aumentos das vendas para o Japão (US$ 124,3 milhões; +671,0%) e a Argélia (US$ 80,0 milhões; +206,8%). Por sua vez, caíram as exportações para a China (-US$ 116,2 milhões), que praticamente não adquiriu o produto em outubro de 2026, para o Egito (US$ 157,6 milhões; -36,4%), o Vietnã (US$ 63,7 milhões; -57,5%) e o Irã (US$ 237,5 milhões; -20,5%).

- **Carne bovina *in natura*: US$ 1,2 bilhão (-30,0%) e 195,4 mil toneladas (-39,0%)**

A carne bovina *in natura* respondeu por 7,8% das vendas externas do agronegócio brasileiro em outubro de 2026, com receita de US$ 1,2 bilhão e 195,4 mil toneladas embarcadas. A forte redução do volume exportado determinou a queda do faturamento, a despeito da alta de 14,9% do preço médio, que passou de US$ 5.539 para US$ 6.364 por tonelada.

O resultado foi influenciado, sobretudo, pela retração das vendas para a China, que somaram US$ 292,5 milhões, com queda de US$ 745,8 milhões (-71,8%), e para a União Europeia, que recuaram US$ 118,3 milhões (-96,7%). Ainda assim, o mercado chinês permaneceu como principal destino da proteína, com participação de 23,5%. Em sentido oposto, as exportações para os Estados Unidos alcançaram US$ 209,3 milhões, com incremento de US$ 151,2 milhões (+260,2%). Outros destinos relevantes foram: Chile (US$ 92,7 milhões; +29,1%); Arábia Saudita (US$ 69,1 milhões; +101,4%); México (US$ 57,4 milhões; +2,2%); Egito (US$ 57,3 milhões; +13,3%); e Rússia (US$ 51,1 milhões; +23,5%).

- **Celulose: US$ 1,0 bilhão (+25,8%) e 2,0 milhões de toneladas (+7,5%)**

As exportações de celulose somaram US$ 1,0 bilhão em outubro de 2026, com crescimento de 25,8% em relação ao mesmo mês do ano anterior. O resultado combinou a expansão de 7,5% da quantidade embarcada com a elevação de 17,0% do preço médio, que passou de US$ 448 para US$ 524 por tonelada.

A China adquiriu 55,8% das exportações brasileiras do produto, com US$ 573,1 milhões (+32,4%). Completam a lista dos principais compradores a União Europeia, com US$ 179,0 milhões (+23,2%), e os Estados Unidos, com US$ 127,9 milhões (+76,4%).

- **Açúcar de cana em bruto: US$ 990,2 milhões (-28,6%) e 2,8 milhões de toneladas (-23,3%)**

Sexto produto do *ranking* do agronegócio em valor exportado, o açúcar de cana em bruto somou US$ 990,2 milhões em outubro, com participação de 6,2% na pauta. A queda da receita decorreu tanto da redução da quantidade comercializada, de 3,6 milhões para 2,8 milhões de toneladas (-23,3%), quanto do recuo de 6,9% do preço médio, que passou de US$ 385 para US$ 358 por tonelada.

Entre os principais destinos, destacaram-se: Nigéria (US$ 93,7 milhões; +61,3%); Bangladesh (US$ 86,3 milhões; -1,0%); Arábia Saudita (US$ 82,2 milhões; +90,0%); Índia (US$ 81,1 milhões; -45,3%); Marrocos (US$ 75,3 milhões; -4,2%); Argélia (US$ 57,6 milhões; -28,4%); Canadá (US$ 57,1 milhões; -42,2%); Malásia (US$ 53,5 milhões; +13,3%); Omã (US$ 53,1 milhões, sem registro de compras em outubro de 2025); e Indonésia (US$ 46,2 milhões; -61,7%). A principal retração ocorreu nas vendas para a China, que diminuíram US$ 226,3 milhões (-94,4%).

- **Farelo de soja: US$ 985,1 milhões (+40,3%) e 2,4 milhões de toneladas (+9,8%)**

As exportações de farelo de soja representaram 6,2% da pauta exportadora do agronegócio brasileiro em outubro de 2026. O valor exportado cresceu 40,3%, equivalente a um incremento absoluto de US$ 282,7 milhões, em razão da alta de 27,8% do preço médio, que passou de US$ 327 para US$ 418 por tonelada, e do aumento de 9,8% do volume comercializado.

O bloco europeu liderou as compras de farelo de soja brasileiro, com US$ 530,1 milhões e 1,2 milhão de toneladas, o que corresponde a 53,8% do valor exportado. Na comparação com outubro de 2025, as vendas ao bloco cresceram 38,3% em valor (+US$ 146,7 milhões) e 3,9% em quantidade.

A Tailândia também se destacou, com aquisições de US$ 170,9 milhões e aumento de US$ 108,9 milhões (+175,8%). Merecem menção, ainda, as vendas para o Japão (US$ 54,7 milhões), que não havia adquirido o produto em outubro de 2025, e para o Vietnã (+US$ 48,5 milhões). Já as vendas à Coreia do Sul diminuíram US$ 34,4 milhões (-59,4%).

- **Carne de frango *in natura*: US$ 871,2 milhões (+13,5%) e 443,7 mil toneladas (+4,3%)**

As vendas externas de carne de frango *in natura* alcançaram US$ 871,2 milhões e 443,7 mil toneladas em outubro de 2026. Tanto o volume quanto o preço contribuíram para o resultado, com valorização de 8,8% do preço médio, que passou de US$ 1.804 para US$ 1.964 por tonelada. O produto ocupou a oitava posição da pauta, com participação de 5,4%.

Os aumentos das vendas para a China (+US$ 83,0 milhões), a Arábia Saudita (+US$ 40,8 milhões; +49,3%), os Emirados Árabes Unidos (+US$ 39,5 milhões; +53,7%) e o Japão (+US$ 20,2 milhões;

+31,9%) foram os que mais contribuíram para o resultado, compensando as retrações observadas nas exportações para a União Europeia (-US$ 29,1 milhões; -85,2%) e as Filipinas (-US$ 25,3 milhões; -57,6%). A Arábia Saudita foi o principal destino do produto, com participação de 14,2%, seguida por Emirados Árabes Unidos (13,0%), Japão (9,6%) e China (9,5%).

- **Algodão não cardado nem penteado: US$ 597,6 milhões (+25,3%) e 338,3 mil toneladas (+15,1%)**

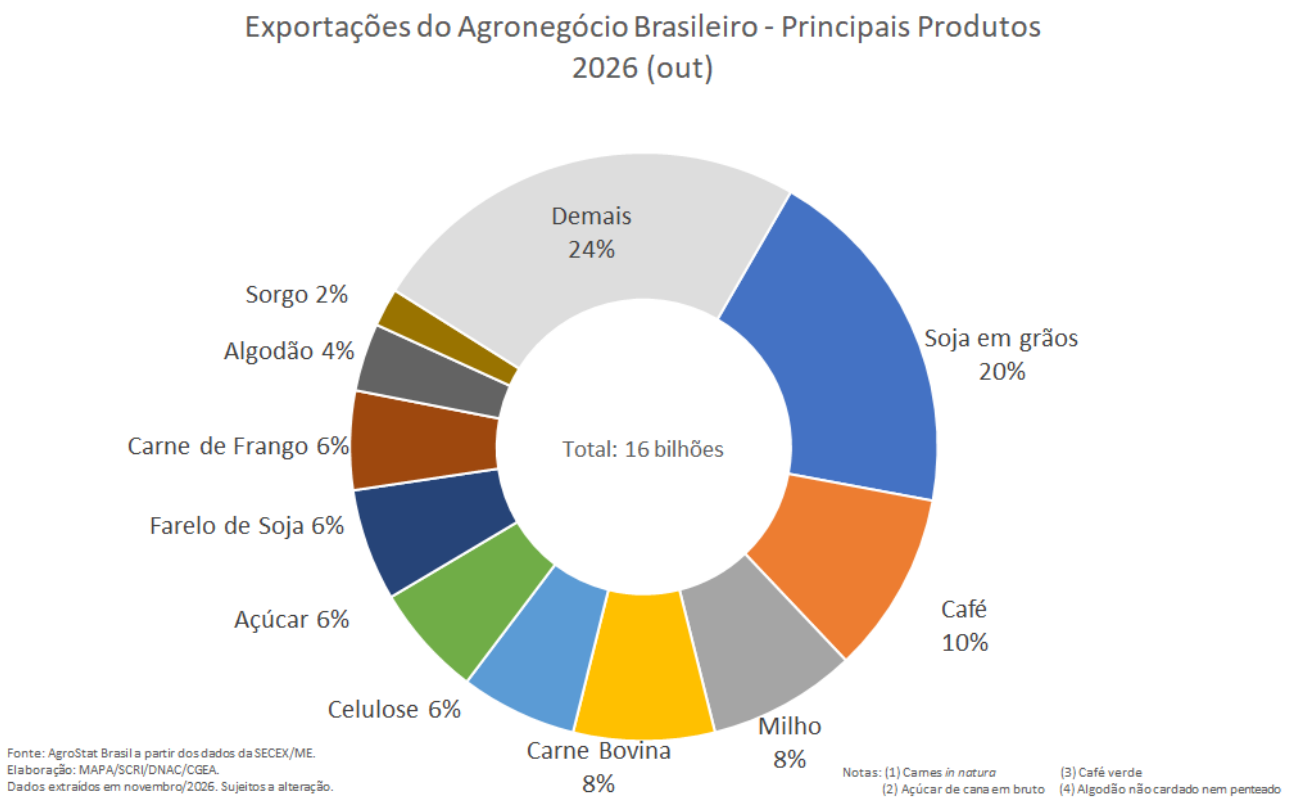
As exportações de algodão não cardado nem penteado somaram US$ 597,6 milhões e 338,3 mil toneladas em outubro de 2026. O produto ocupou a nona colocação da pauta, com participação de 3,7% no valor exportado pelo agronegócio. O crescimento da receita resultou do aumento de 15,1% do volume negociado e da alta de 8,8% do preço médio, que passou de US$ 1.623 para US$ 1.767 por tonelada.

O Vietnã foi o principal destino do algodão brasileiro no mês, com US$ 109,0 milhões (+81,6%) e participação de 18,2%, seguido pela Turquia, com US$ 106,6 milhões, mercado que registrou o maior incremento absoluto (+US$ 68,7 milhões; +181,4%). Outros mercados relevantes foram: Bangladesh (US$ 103,1 milhões; +44,8%); China (US$ 94,2 milhões; -14,7%); Paquistão (US$ 69,5 milhões; +91,6%); e Indonésia (US$ 44,2 milhões; +84,8%). Em contrapartida, as vendas para a Índia recuaram US$ 75,0 milhões (-67,6%), totalizando US$ 36,0 milhões.

- **Sorgo: US$ 337,7 milhões e 1,2 milhão de toneladas**

Fechando a lista dos dez principais produtos exportados pelo agronegócio em outubro de 2026, o sorgo somou US$ 337,7 milhões e 1,2 milhão de toneladas, com participação de 2,1% na pauta e preço médio de US$ 280 por tonelada. Não houve registro de exportações do produto em outubro de 2025.

A China foi responsável por 98,5% das vendas externas do cereal, com aquisições de US$ 332,4 milhões e 1,2 milhão de toneladas. O restante foi destinado ao Marrocos (US$ 5,2 milhões).

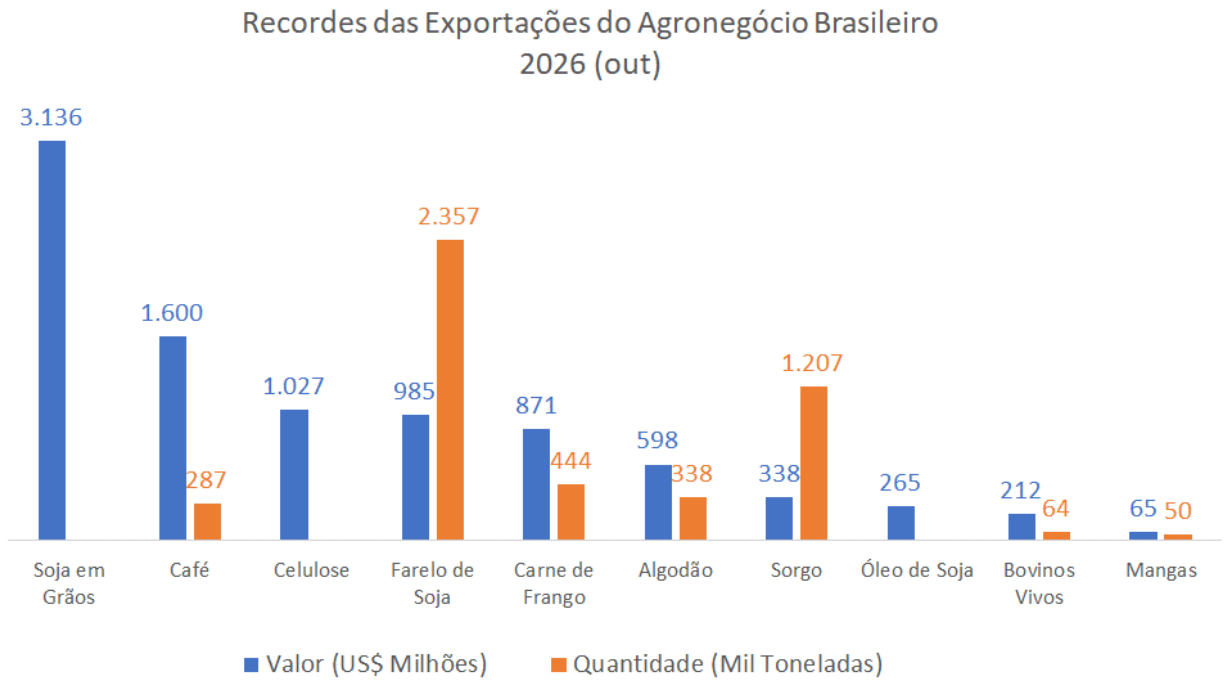


As importações do agronegócio brasileiro totalizaram US$ 1,9 bilhão em outubro de 2026, com aumento de 8,8%, equivalente a US$ 157,2 milhões, em relação ao mesmo mês do ano anterior. Os produtos que se destacaram em termos de valor importado foram: trigo (US$ 132,8 milhões; 6,8% do total; +9,3% em relação a outubro de 2025); papel (US$ 109,1 milhões; 5,6%; +8,2%); vestuário e outros produtos têxteis de algodão (US$ 105,6 milhões; 5,4%; +14,2%); salmões (US$ 87,1 milhões; 4,5%; +34,4%); leite em pó (US$ 74,6 milhões; 3,8%; +6,8%); azeite de oliva (US$ 60,1 milhões; 3,1%; +3,4%); óleo de dendê ou de palma (US$ 58,5 milhões; 3,0%; -6,5%); e soja em grãos (US$ 58,0 milhões; 3,0%; +21,9%). Entre os itens com maior expansão, sobressaíram salmões (+US$ 22,3 milhões) e queijos (+US$ 20,7 milhões), enquanto os recuos mais expressivos foram observados nas compras de óleo de soja em bruto (-US$ 20,9 milhões), cevada (-US$ 15,8 milhões) e maçãs frescas (-US$ 15,3 milhões).

Principais recordes históricos para os meses de outubro:

- Soja em grãos – recorde em valor (US$ 3,1 bilhões);
- Café verde – recorde em valor e quantidade (US$ 1,6 bilhão; 287,3 mil toneladas);
- Celulose – recorde em valor (US$ 1,0 bilhão);
- Farelo de soja – recorde em valor e quantidade (US$ 985,1 milhões; 2,4 milhões de toneladas);
- Carne de frango *in natura* – recorde em valor e quantidade (US$ 871,2 milhões; 443,7 mil toneladas);
- Algodão não cardado nem penteado – recorde em valor e quantidade (US$ 597,6 milhões; 338,3 mil toneladas);
- Sorgo – recorde em valor e quantidade (US$ 337,7 milhões; 1,2 milhão de toneladas);
- Carne suína *in natura* – recorde em quantidade (130,1 mil toneladas);
- Óleo de soja em bruto – recorde em valor (US$ 264,6 milhões);

- Bovinos vivos – recorde em valor e quantidade (US$ 212,4 milhões; 63,6 mil toneladas).



Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/ME.
Elaboração: MAPA/SCRI/DNAC/CGEA.
Dados extraídos em novembro/2026. Sujeitos a alteração.

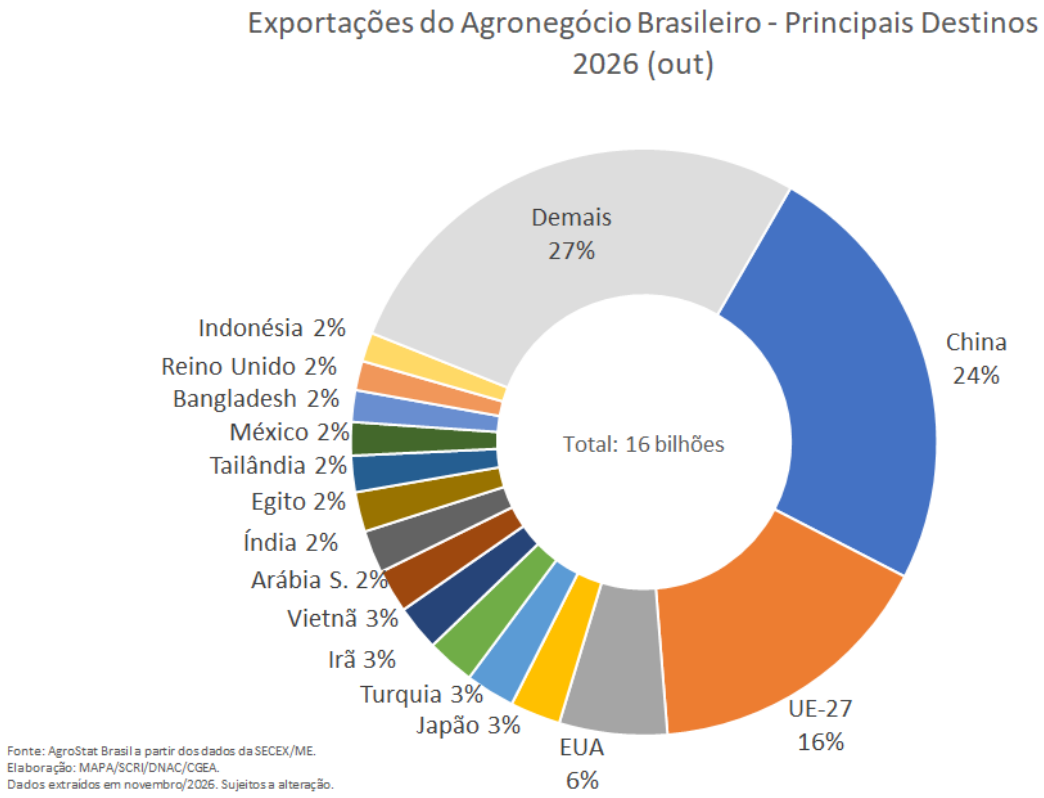
Notas: (1) Café verde (2) Carnes *in natura*
(3) Algodão não cardado nem penteado (4) Óleo de soja em bruto
(5) Mangas frescas ou secas

Destinos

A China manteve-se como principal destino do agronegócio brasileiro em outubro de 2026, com participação de 24,2% nas exportações do setor. As vendas ao país asiático somaram US$ 3,9 bilhões, valor 21,0% inferior aos US$ 4,9 bilhões registrados em outubro de 2025. Essa queda refletiu, sobretudo, a redução das vendas de carne bovina *in natura* (-US$ 745,8 milhões; -71,8%), soja em grãos (-US$ 443,8 milhões; -16,8%), açúcar de cana em bruto (-US$ 226,3 milhões; -94,4%) e milho (-US$ 116,2 milhões). Por outro lado, sobressaíram as vendas de sorgo (US$ 332,4 milhões, sem registro no mesmo mês de 2025) e os aumentos das exportações de celulose (+US$ 140,2 milhões; +32,4%) e carne de frango *in natura* (+US$ 83,0 milhões). A soja em grãos e a celulose foram os principais produtos exportados ao mercado chinês, somando US$ 2,8 bilhões, o equivalente a 71,7% do total.

Na segunda colocação, a União Europeia adquiriu US$ 2,6 bilhões em produtos do agronegócio brasileiro, com crescimento de 15,0% em relação a outubro de 2025 e fatia de 16,2% das exportações setoriais. Entre os itens mais exportados ao bloco, destacaram-se: café verde (US$ 771,1 milhões; +3,6%); farelo de soja (US$ 530,1 milhões; +38,3%); milho (US$ 244,5 milhões; +488,3%); celulose (US$ 179,0 milhões; +23,2%); e soja em grãos (US$ 178,6 milhões; +367,8%). Os aumentos das vendas de milho (+US$ 202,9 milhões), farelo de soja (+US$ 146,7 milhões) e soja em grãos (+US$ 140,4 milhões) foram os que mais contribuíram para o resultado, enquanto as exportações de carne bovina *in natura* recuaram US$ 118,3 milhões (-96,7%).

Os Estados Unidos, por sua vez, figuraram na terceira posição do *ranking* dos mercados de destino, considerando a União Europeia como bloco, com compras de US$ 952,1 milhões, equivalentes a 6,0% das vendas externas do agronegócio. Na comparação com outubro de 2025, as vendas ao mercado norte-americano cresceram 35,7%, com destaque para os aumentos das exportações de carne bovina *in natura* (+US$ 151,2 milhões; +260,2%), café verde (+US$ 100,6 milhões; +72,0%) e celulose (+US$ 55,4 milhões; +76,4%). A principal queda ocorreu nas vendas de sucos de laranja (-US$ 86,0 milhões; -65,5%).



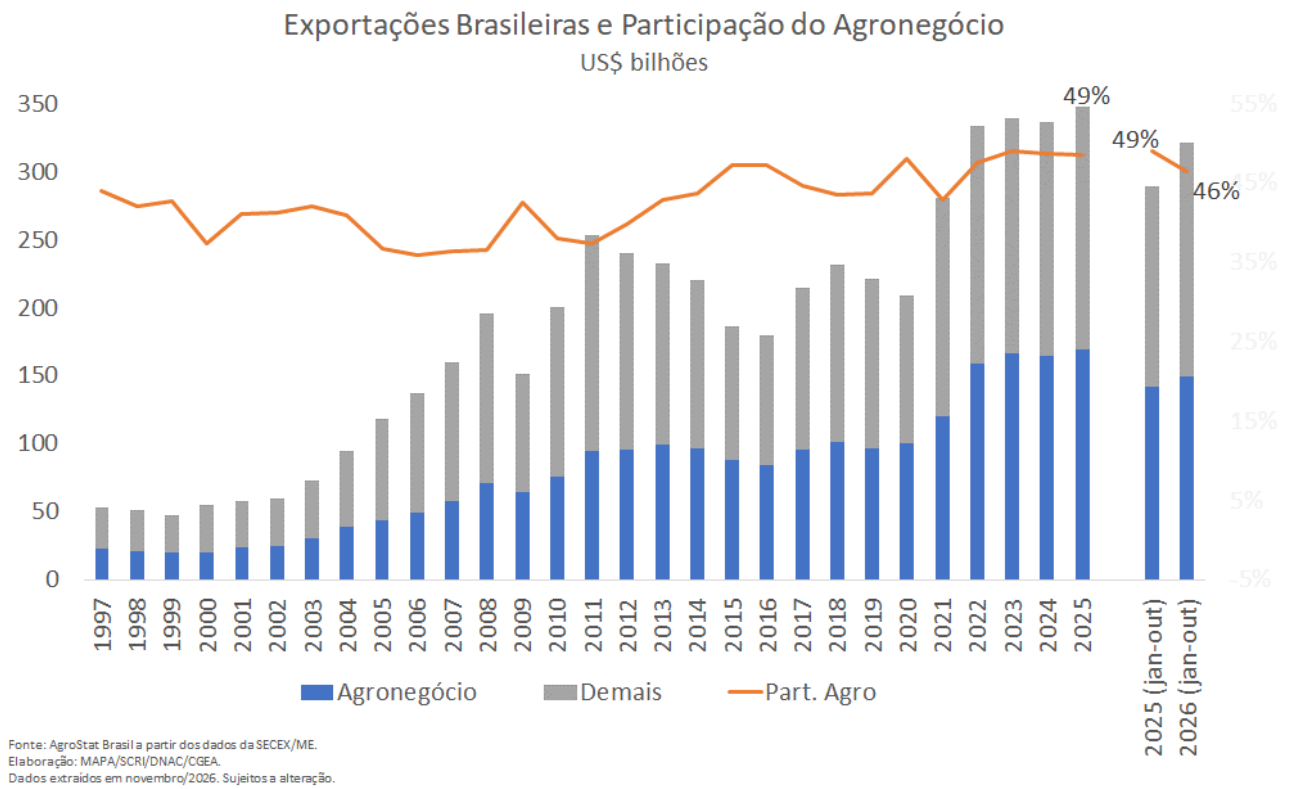
II – ANO: JANEIRO–OUTUBRO/2026

Entre janeiro e outubro de 2026, as exportações brasileiras do agronegócio somaram US$ 149,4 bilhões, montante 5,2% superior ao registrado no mesmo período de 2025, o que corresponde a um acréscimo de US$ 7,4 bilhões. O desempenho foi impulsionado, sobretudo, pela expansão das vendas de soja em grãos (+US$ 5,8 bilhões), carne de frango *in natura* (+US$ 1,4 bilhão), farelo de soja (+US$ 1,4 bilhão) e carne bovina *in natura* (+US$ 1,1 bilhão).

A participação do agronegócio nas exportações totais brasileiras foi de 46,4% no período, abaixo dos 49,1% observados entre janeiro e outubro de 2025. Essa redução reflete o maior dinamismo dos demais produtos da pauta, cujas vendas externas cresceram 17,0% e alcançaram US$ 172,5 bilhões.

No mesmo intervalo, as importações de produtos do agronegócio totalizaram US$ 17,1 bilhões, valor 0,5% superior aos US$ 17,0 bilhões adquiridos nos dez primeiros meses de 2025. Ressalte-se que esse

montante não contempla insumos agropecuários, como fertilizantes (US$ 12,7 bilhões; -3,9% em relação a 2025) e defensivos (US$ 4,5 bilhões; -13,3%).



Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/ME.
Elaboração: MAPA/SCRI/DNAC/CGEA.
Dados extraídos em novembro/2026. Sujeitos a alteração.

Produtos

No acumulado de janeiro a outubro de 2026, os cinco principais setores exportadores do agronegócio foram: complexo soja (US$ 56,4 bilhões; 37,8% de participação); carnes (US$ 28,6 bilhões; 19,2%); produtos florestais (US$ 14,2 bilhões; 9,5%); café (US$ 11,8 bilhões; 7,9%); e complexo sucroalcooleiro (US$ 9,3 bilhões; 6,2%). Juntos, esses segmentos responderam por 80,5% das vendas externas do setor, ante 79,6% no mesmo período do ano anterior, evidenciando maior concentração da pauta exportadora nos cinco principais setores.

No que se refere aos produtos, os dez principais itens exportados somaram US$ 116,4 bilhões, o equivalente a 77,9% do valor total embarcado pelo agronegócio no período. O desempenho de cada um deles é detalhado a seguir.

- **Soja em grãos: US$ 46,0 bilhões (+14,5%) e 106,5 milhões de toneladas (+5,9%)**

Principal produto da pauta, a soja em grãos respondeu por 30,8% do valor exportado pelo agronegócio nos dez primeiros meses do ano, com receita de US$ 46,0 bilhões. Foi também o item que mais contribuiu para a expansão das vendas externas do setor, com incremento de US$ 5,8 bilhões. Esse resultado combinou o aumento de 5,9 milhões de toneladas no volume embarcado (+5,9%) com a valorização de 8,1% do preço médio, que subiu de US$ 400 para US$ 432 por tonelada.

A China absorveu 69,9% das exportações da oleaginosa, com compras de US$ 32,2 bilhões, valor US$ 573,9 milhões superior ao de 2025 (+1,8%), embora a quantidade adquirida tenha recuado 5,5%, para 74,5 milhões de toneladas. Os maiores incrementos, contudo, vieram de outros mercados: União Europeia (+US$ 1,3 bilhão; +54,4%), Paquistão (+US$ 689,0 milhões; +127,5%), Turquia (+US$ 629,9 milhões; +88,4%), Vietnã (+US$ 469,4 milhões; +100,8%), México (+US$ 376,0 milhões; +82,7%) e Bangladesh (+US$ 371,7 milhões; +176,3%).

- **Carne bovina *in natura*: US$ 14,2 bilhões (+8,1%) e 2,3 milhões de toneladas (-6,4%)**

Com participação de 9,5% nas vendas externas do agronegócio entre janeiro e outubro de 2026, a carne bovina *in natura* gerou receita de US$ 14,2 bilhões, com 2,3 milhões de toneladas embarcadas. A alta de 15,5% do preço médio, de US$ 5.328 para US$ 6.156 por tonelada, mais do que compensou a retração do volume exportado e garantiu o crescimento do faturamento.

Os principais mercados de destino foram: China (US$ 5,8 bilhões; -17,8%); Estados Unidos (US$ 1,9 bilhão; +93,2%); Chile (US$ 855,7 milhões; +51,7%); União Europeia (US$ 814,7 milhões; +15,5%); Rússia (US$ 545,0 milhões; +49,2%); México (US$ 543,1 milhões; -4,4%); e Arábia Saudita (US$ 404,5 milhões; +63,0%). Esses sete mercados concentraram 76,6% do valor exportado. O maior incremento absoluto ocorreu nas vendas aos Estados Unidos (+US$ 931,4 milhões), seguidas pelas destinadas ao Chile (+US$ 291,5 milhões) e à Rússia (+US$ 179,7 milhões). Na direção oposta, as exportações para a China diminuíram US$ 1,3 bilhão.

- **Café verde: US$ 10,8 bilhões (-9,0%) e 1,8 milhão de toneladas (-1,8%)**

Terceiro item mais relevante da pauta no período, o café verde somou US$ 10,8 bilhões em vendas externas, o que representa 7,2% do total exportado pelo agronegócio. A receita recuou 9,0%, refletindo tanto a menor quantidade embarcada (-1,8%) quanto a queda de 7,3% do preço médio, que passou de US$ 6.407 para US$ 5.939 por tonelada.

As principais reduções ocorreram nas vendas para a União Europeia (-US$ 426,5 milhões; -7,5%), o Japão (-US$ 215,6 milhões; -27,1%) e os Estados Unidos (-US$ 201,9 milhões; -12,2%). Por outro lado, cresceram as exportações para a Turquia, que totalizaram US$ 467,6 milhões (+US$ 44,7 milhões, +10,6%), para a Suíça, com US$ 83,8 milhões (+US$ 59,4 milhões, +0,4%), e para a Colômbia, que adquiriu US$ 245,3 milhões, com aumento de US$ 76,5 milhões (+45,3%).

- **Celulose: US$ 9,1 bilhões (+7,7%) e 17,8 milhões de toneladas (-4,2%)**

As vendas externas de celulose atingiram US$ 9,1 bilhões, valor 7,7% superior ao do mesmo período de 2025 (US$ 8,4 bilhões). O crescimento da receita deveu-se à elevação de 12,5% do preço médio, de US$ 454 para US$ 511 por tonelada, que compensou a redução de 4,2% do volume embarcado.

A China manteve-se como principal compradora, com 48,0% do total e aquisições de US$ 4,4 bilhões (+7,9%). Na sequência, destacaram-se a União Europeia, com US$ 2,0 bilhões (+11,2% e 21,8% de participação), e os Estados Unidos, com US$ 1,2 bilhão (+7,4% e 13,2% de participação).

- **Carne de frango *in natura*: US$ 8,5 bilhões (+20,2%) e 4,3 milhões de toneladas (+13,6%)**

Quinto principal produto do agronegócio em valor exportado, com participação de 5,7%, a carne de frango *in natura* alcançou US$ 8,5 bilhões e 4,3 milhões de toneladas entre janeiro e outubro de 2026.

Além do maior volume, o resultado foi favorecido pela alta de 5,8% do preço médio, que passou de US$ 1.873 para US$ 1.981 por tonelada.

O crescimento das vendas foi liderado pela China (+US$ 518,4 milhões; +156,7%), pela União Europeia (+US$ 443,7 milhões; +131,6%) e pelo Japão (+US$ 303,0 milhões; +44,7%), que, em conjunto, explicaram 89,2% do incremento total de US$ 1,4 bilhão. Em termos de participação, o Japão foi o principal destino (11,6%), seguido por Arábia Saudita (10,8%), China (10,0%), Emirados Árabes Unidos (9,3%) e União Europeia (9,2%).

- **Farelo de soja: US$ 8,1 bilhões (+21,1%) e 21,8 milhões de toneladas (+11,5%)**

O farelo de soja respondeu por 5,4% das exportações do agronegócio brasileiro entre janeiro e outubro de 2026. A receita avançou 21,1%, com acréscimo de US$ 1,4 bilhão, sustentada tanto pelo aumento de 11,5% do volume comercializado quanto pela alta de 8,6% do preço médio, de US$ 340 para US$ 369 por tonelada.

A União Europeia permaneceu como principal destino do produto, com US$ 3,6 bilhões e 9,7 milhões de toneladas. Em relação aos dez primeiros meses de 2025, o valor exportado ao bloco aumentou 8,8% (+US$ 291,4 milhões), enquanto a quantidade cresceu 0,1%.

O Irã sobressaiu-se no período, tornando-se o quarto maior comprador do farelo de soja brasileiro, considerando a União Europeia como bloco, com US$ 774,0 milhões e 2,2 milhões de toneladas. O mercado iraniano foi o que mais contribuiu para a expansão das vendas, com acréscimo de US$ 610,8 milhões (+374,3%). Também merecem destaque os aumentos registrados para Bangladesh (+US$ 186,4 milhões; +102,8%) e Indonésia (+US$ 142,6 milhões; +12,9%). Em sentido contrário, as exportações para a Coreia do Sul caíram 11,6%, o equivalente a US$ 50,6 milhões.

- **Açúcar de cana em bruto: US$ 7,2 bilhões (-28,6%) e 20,6 milhões de toneladas (-14,3%)**

Na sétima posição do *ranking* de produtos do agronegócio, o açúcar de cana em bruto totalizou US$ 7,2 bilhões, com participação de 4,8% na pauta. A queda da receita resultou da combinação entre a retração de 16,7% do preço médio, de US$ 419 para US$ 349 por tonelada, e a diminuição do volume embarcado, que passou de 24,1 milhões para 20,6 milhões de toneladas (-14,3%).

Os principais compradores foram: China (US$ 698,2 milhões; -56,1%); Índia (US$ 689,7 milhões; -23,0%); Arábia Saudita (US$ 651,2 milhões; +13,9%); Bangladesh (US$ 590,7 milhões; -12,9%); Nigéria (US$ 542,0 milhões; -3,9%); Argélia (US$ 535,5 milhões; -26,0%); Marrocos (US$ 413,8 milhões; -10,3%); Canadá (US$ 304,8 milhões; -29,8%); Egito (US$ 274,8 milhões; -43,6%); Iraque (US$ 246,0 milhões; -28,3%); Malásia (US$ 240,0 milhões; -52,9%); e Emirados Árabes Unidos (US$ 221,3 milhões; -63,9%).

- **Milho: US$ 5,6 bilhões (-8,0%) e 25,3 milhões de toneladas (-15,0%)**

Oitavo item da pauta exportadora do agronegócio, com participação de 3,8%, o milho gerou receita de US$ 5,6 bilhões entre janeiro e outubro de 2026, 8,0% abaixo dos US$ 6,1 bilhões registrados no mesmo período de 2025. A redução de 15,0% da quantidade embarcada explica o resultado, tendo sido apenas parcialmente compensada pela alta de 8,3% do preço médio, que passou de US$ 205 para US$ 222 por tonelada.

O Egito liderou as compras do cereal brasileiro, com US$ 1,2 bilhão e aumento de US$ 129,8 milhões (+12,0%). Houve crescimento também das vendas para a União Europeia, que somaram US$ 676,7 milhões (+16,3%), e para o Japão, com US$ 209,4 milhões (+606,5%), mercado que registrou o maior incremento absoluto entre os destinos (+US$ 179,7 milhões). Em contrapartida, recuaram as exportações para o Irã, que totalizaram US$ 876,3 milhões (-US$ 513,9 milhões, -37,0%), e para a China, com US$ 198,0 milhões (-US$ 123,6 milhões, -38,4%). Entre os demais destinos relevantes, figuraram: Vietnã (US$ 559,9 milhões; -4,2%); Arábia Saudita (US$ 270,7 milhões; -3,1%); Argélia (US$ 269,0 milhões; +31,4%); e Taiwan (US$ 152,4 milhões; +4,0%).

- **Algodão não cardado nem penteado: US$ 4,2 bilhões (+16,4%) e 2,6 milhões de toneladas (+20,0%)**

Nono colocado na pauta, com participação de 2,8% no valor exportado pelo agronegócio, o algodão não cardado nem penteado somou US$ 4,2 bilhões e 2,6 milhões de toneladas entre janeiro e outubro de 2026. A expansão da receita foi garantida pelo aumento de 20,0% do volume negociado, que superou o efeito da queda de 3,0% do preço médio, de US$ 1.649 para US$ 1.600 por tonelada.

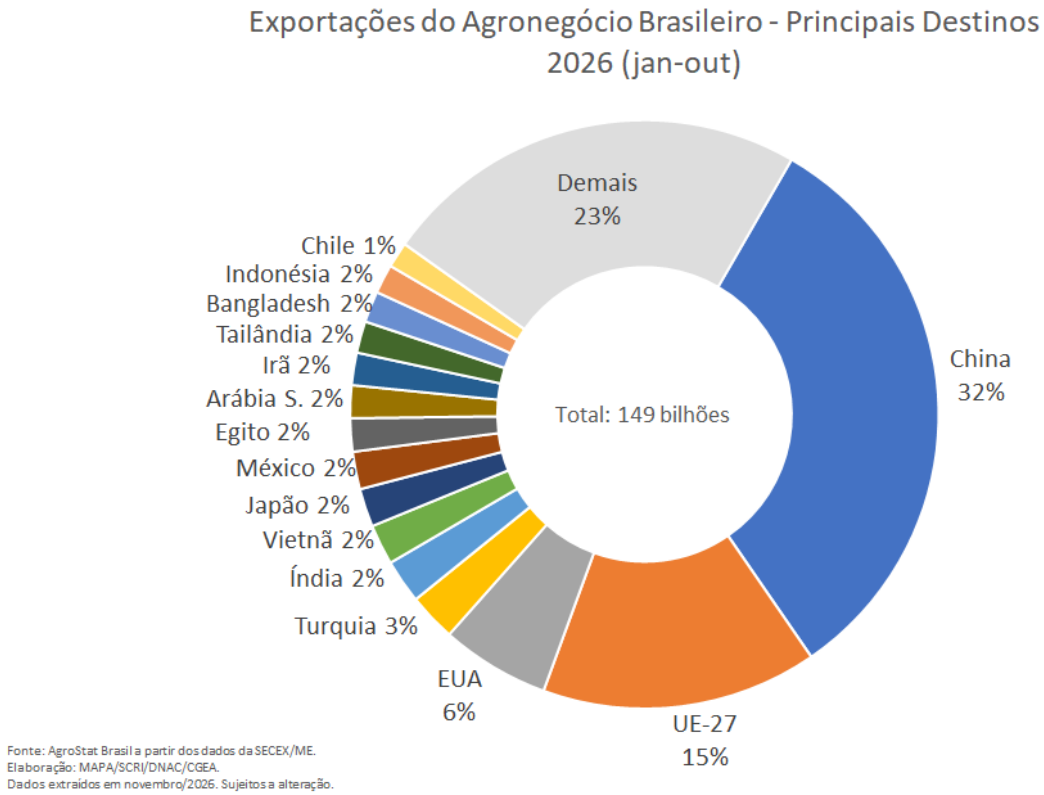
As vendas para a China foram as que mais impulsionaram o resultado, com acréscimo de US$ 304,6 milhões (+70,1%). Bangladesh manteve-se como principal destino da fibra brasileira, com US$ 761,9 milhões (+27,6%) e participação de 18,3%, seguido de perto pela China, com US$ 739,2 milhões e 17,7%. Também se destacaram: Turquia (US$ 615,7 milhões; +20,1%); Vietnã (US$ 550,2 milhões; -3,9%); Paquistão (US$ 526,8 milhões; -19,2%); Índia (US$ 430,6 milhões; +60,5%); e Indonésia (US$ 284,4 milhões; +25,9%).

- **Carne suína *in natura*: US$ 2,8 bilhões (-0,5%) e 1,2 milhão de toneladas (+4,7%)**

Completando a relação dos dez principais produtos exportados pelo agronegócio entre janeiro e outubro de 2026, a carne suína *in natura* alcançou US$ 2,8 bilhões e 1,2 milhão de toneladas, com participação de 1,9% na pauta. A leve redução da receita decorreu do recuo de 5,0% do preço médio, de US$ 2.557 para US$ 2.430 por tonelada, apenas parcialmente compensado pelo crescimento de 4,7% do volume embarcado.

As Filipinas continuaram como principal mercado da proteína, com vendas de US$ 587,7 milhões (-15,4%) e 251,4 mil toneladas (-10,4%), o que corresponde a 20,8% do valor exportado. Em termos absolutos, as vendas ao país recuaram US$ 107,2 milhões.

O Japão, por sua vez, foi o destino com maior contribuição positiva, com compras de US$ 538,5 milhões (+65,3%) e 159,8 mil toneladas (+68,7%), o que representou acréscimo de US$ 212,7 milhões. Já a China reduziu suas aquisições em 27,2%, para US$ 194,1 milhões e 95,5 mil toneladas (-22,8%). Entre os demais mercados, destacaram-se: Chile (US$ 234,8 milhões; -5,5%); Hong Kong (US$ 145,4 milhões; -28,1%); Argentina (US$ 139,3 milhões; +16,6%); Singapura (US$ 130,2 milhões; -28,8%); e México (US$ 126,1 milhões; -18,9%).



Principais recordes históricos entre janeiro e outubro de 2026:

- Soja em grãos – recorde em quantidade (106,5 milhões de toneladas);
- Carne bovina *in natura* – recorde em valor (US$ 14,2 bilhões);
- Celulose – recorde em valor (US$ 9,1 bilhões);
- Carne de frango *in natura* – recorde em valor e quantidade (US$ 8,5 bilhões; 4,3 milhões de toneladas);
- Farelo de soja – recorde em quantidade (21,8 milhões de toneladas);
- Algodão não cardado nem penteado – recorde em valor e quantidade (US$ 4,2 bilhões; 2,6 milhões de toneladas);
- Carne suína *in natura* – recorde em quantidade (1,2 milhão de toneladas);
- Bovinos vivos – recorde em valor e quantidade (US$ 1,6 bilhão; 499,7 mil toneladas);
- Café solúvel – recorde em quantidade (77,3 mil toneladas);
- Miudezas de frango – recorde em valor e quantidade (US$ 638,5 milhões; 418,9 mil toneladas).

Pelo lado das importações, o agronegócio brasileiro adquiriu US$ 17,1 bilhões entre janeiro e outubro de 2026, montante 0,5% superior ao do mesmo período de 2025, o que equivale a um aumento de US$ 82,7 milhões. Os principais produtos importados foram: trigo (US$ 1,1 bilhão; 6,6% do total; -16,3% em relação a 2025); papel (US$ 1,0 bilhão; 6,0%; +16,4%); salmões (US$ 848,8 milhões; 5,0%; +20,7%);

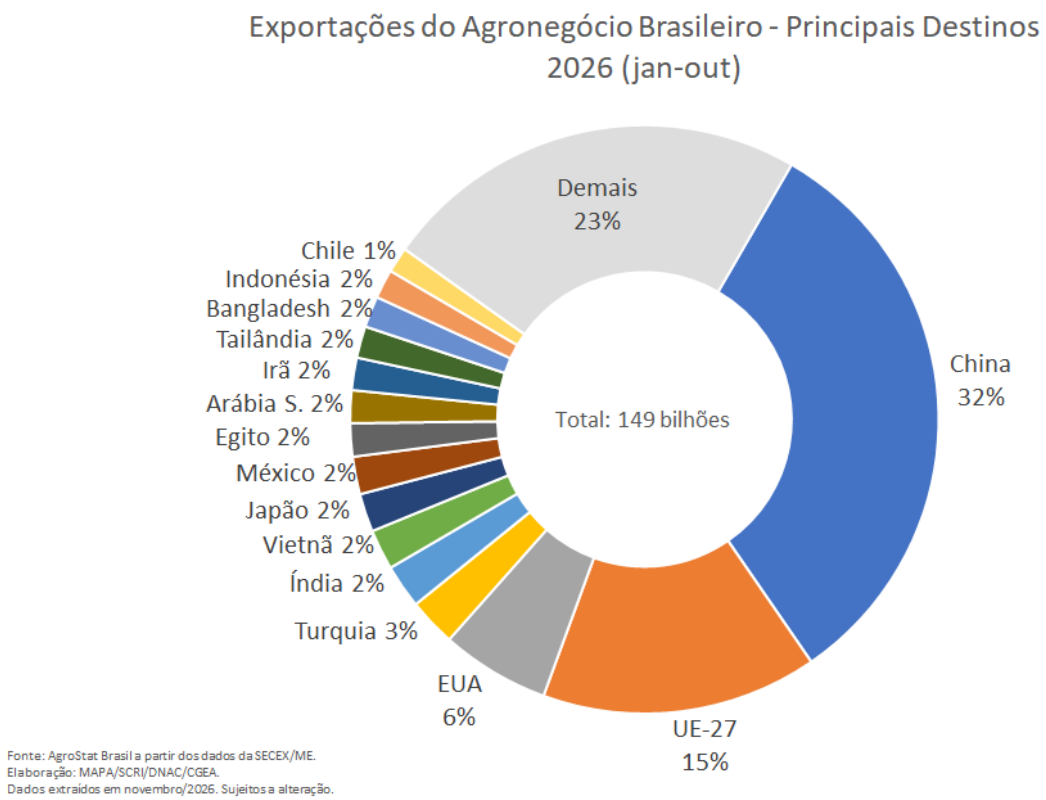
vestuário e outros produtos têxteis de algodão (US$ 814,8 milhões; 4,8%; +18,8%); leite em pó (US$ 645,7 milhões; 3,8%; +11,7%); óleo de dendê ou de palma (US$ 633,2 milhões; 3,7%; -12,7%); azeite de oliva (US$ 539,1 milhões; 3,2%; +6,2%); e vinho (US$ 487,5 milhões; 2,9%; +3,2%). Os maiores acréscimos foram registrados nas compras de salmões (+US$ 145,4 milhões) e papel (+US$ 143,9 milhões), ao passo que as principais reduções ocorreram no cacau inteiro ou partido (-US$ 288,9 milhões) e no trigo (-US$ 220,7 milhões).

Destinos

Principal destino do agronegócio brasileiro em 2026, a China respondeu por 32,1% das exportações do setor no período, com US$ 47,9 bilhões entre janeiro e outubro, valor 0,4% inferior aos US$ 48,1 bilhões do mesmo intervalo de 2025. A retração foi determinada, principalmente, pelas menores vendas de carne bovina *in natura* (-US$ 1,3 bilhão; -17,8%) e de açúcar de cana em bruto (-US$ 891,2 milhões; -56,1%). Em sentido oposto, cresceram as exportações de soja em grãos (+US$ 573,9 milhões; +1,8%), carne de frango *in natura* (+US$ 518,4 milhões; +156,7%) e sorgo (+US$ 493,3 milhões), produto que não havia registrado vendas ao mercado chinês no mesmo período de 2025. Soja em grãos e carne bovina *in natura*, os dois principais itens da pauta com o país asiático, somaram US$ 38,0 bilhões, o equivalente a 79,3% das exportações do agronegócio brasileiro à China.

A União Europeia ocupou a segunda posição, com aquisições de US$ 22,7 bilhões, alta de 9,3% em relação a 2025 e participação de 15,2% nas exportações do agronegócio brasileiro. Os principais produtos vendidos ao bloco foram: café verde (US$ 5,2 bilhões; -7,5% em relação a 2025); farelo de soja (US$ 3,6 bilhões; +8,8%); soja em grãos (US$ 3,6 bilhões; +54,4%); e celulose (US$ 2,0 bilhões; +11,2%). O avanço das exportações ao mercado europeu foi puxado, sobretudo, pelos aumentos das vendas de soja em grãos (+US$ 1,3 bilhão) e de carne de frango *in natura* (+US$ 443,7 milhões).

Na terceira colocação, considerando a União Europeia como bloco, figuraram os Estados Unidos, com US$ 8,9 bilhões e participação de 6,0% no total exportado pelo setor. Em comparação com o mesmo período de 2025, as vendas ao mercado norte-americano recuaram 10,0%, em razão da queda das exportações de diversos produtos. Os maiores impactos negativos vieram de sucos de laranja (-US$ 558,9 milhões), café verde (-US$ 201,9 milhões) e sebo bovino (-US$ 131,5 milhões). Em contrapartida, as vendas de carne bovina *in natura* aumentaram US$ 931,4 milhões (+93,2%), atenuando parte dessas perdas.



NOTA METODOLÓGICA

A classificação de produtos do agronegócio utilizada nesta nota foi atualizada de acordo com a Resolução GECEX Nº 692, de 27/01/2026, que alterou a Nomenclatura Comum do MERCOSUL – NCM para adaptá-la em relação às modificações do Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias (SH-2022), que estabelece um método internacional para a classificação de mercadorias. Disponível em: https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/camex/resolucoes/resolucoes

A Balança Comercial do Agronegócio utiliza uma classificação dos produtos do agronegócio que reúne 3.111 NCM's em 25 setores. Essa é a mesma classificação utilizada no Sistema de Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro, AGROSTAT BRASIL - base de dados online que oferece uma visão detalhada e atualizada das exportações e importações brasileiras do agronegócio. Mais informações da metodologia e classificação podem ser consultadas no site: http://agrostat.agricultura.gov.br